

O(s) Movimento(s) por trás das dissensões: rupturas, agregação, lideranças e poder nas dissidências do Pontal do Paranapanema¹

José Sobreiro Filho

Doutorando em Geografia Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCT)

e-mail: sobreirounesp@gmail.com

Resumo

Este trabalho consiste em uma análise sobre o processo de dissensão realizado dentro dos movimentos socioterritoriais no Pontal do Paranapanema. Este foi um dos principais processos que alterou a dinâmica da luta pela terra no Pontal e complexificou ainda mais a luta dos movimentos, sobretudo pela emergência de demais lideranças e bandeiras em uma das regiões mais conflituosas do país. Assim, apresentamos algumas reflexões sobre rupturas, lideranças, poder, etc. na região.

Palavras-chave: Dissensão; Pontal do Paranapanema; MST; MST da Base; Movimentos socioterritoriais.

Abstract

The movement(s) behind dissension: ruptures, aggregation and the offshoot of leadership and power in the dissidence in the Pontal do Paranapanema

This article presents an analysis of the process of dissension that has occurred within socioterritorial movements in the Pontal do Paranapanema. This process has significantly altered the dynamic of the struggle for land in the region, and has further complicated the struggle of movements, especially because of the offshoot of different nodes of leadership and banners in one of the regions of Brazil with the greatest concentration of land conflicts. This paper discusses the ruptures in leadership, offshoot movements and relations of power in the region.

Keywords: Dissension; Pontal do Paranapanema; MST; MST da Base; Socioterritorial Movement.

Resumen

El/Los movimiento(s) detrás de las disensiones: disensiones, agregación, líderes y poder en las disensiones en el Pontal do Paranapanema

Este artículo es un análisis del proceso de disensión dentro de los movimientos socioterritoriales realizadas en el Pontal. Este fue uno de los principales procesos que alteran la dinámica de la lucha por la tierra en la región y torna aún más compleja la lucha de los movimientos, especialmente con el surgimiento de otros líderes y banderas en una de las zonas más conflictivas del país. Por lo tanto, presentamos algunas reflexiones sobre las disensiones, poder, etc. en la región.

¹ Este trabalho é parte da pesquisa de mestrado "Novas configurações dos movimentos socioterritoriais no Pontal do Paranapanema: A atuação do MST, MAST e MST da Base" financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – e da dissertação de mestrado "O movimento em pedaços e os pedaços em movimentos: da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão nos movimentos socioterritoriais camponeses".

Palabras-clave: Disensão; Pontal do Paranapanema; MST; MST da Base; Movimento Socioterritorial.

Introdução

O Pontal do Paranapanema tem sua história caracterizada pela ilegitimidade e concentração da posse da terra, formação de movimentos camponeses, violência e intenso conflito entre os sem terras e latifundiários. Conforme afirma Sobreiro Filho (2013), as bases materiais e históricas do conflito estão diretamente atreladas à figura de alguns grileiros responsáveis tanto pela falsificação e comercialização das terras quanto também pela “abertura de novas fazendas” (MONBEIG, 1984) e ocupação territorial (LEITE, 1972, 1998), dentre eles: José Theodoro de Souza; João da Silva; Francisco de Paula Moraes; José Antonio Gouveia, também referenciado como Antonio José Gouveia; João Evangelista de Lima; Joaquim Alves de Lima; José Rodrigues Tucunduva; Cel. Manoel Pereira Goulart; e José Soares Marcondes.

Apesar da ocorrência de algumas resistências na década de 40, com a Liga Camponesa de Santo Anastácio e as lutas pelas Glebas Santa Rita e XV de Novembro, foi principalmente na década de 90 que o conflito despontou na região. A nível nacional, o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – avançava tanto na articulação de alguns movimentos camponeses espontâneos quanto também na criação do movimento em áreas com problemas relacionados à questão agrária, tais como: conflito, expropriação, pobreza e concentração (FERNANDES, 1994). O Pontal do Paranapanema ganha destaque nesta conjuntura, ou seja, sua emersão no cenário da luta pela terra no Brasil e América Latina ocorreu justamente neste período de espacialização do MST. Deste modo, sua formação na região e o destaque de sua luta teve suas bases direta e principalmente relacionadas à formação do MST no Brasil e ao caráter devoluto das terras do Pontal do Paranapanema. Ademais, além do caráter devoluto das terras, a concentração, a desigualdade, a história e a condição dos trabalhadores rurais da região também foram elementos determinantes para que o Pontal alcançasse tamanho destaque. Analisando principalmente sua história de ocupação territorial, ilegitimidade e concentração da posse da terra e a condição dos trabalhadores rurais da região verificaremos que o Pontal do Paranapanema apresentava as principais características e potencialidades para que o movimento realizasse uma luta intensa e produtiva, sobretudo por conta da quantidade de elementos histórico-geográficos favoráveis.

Assim, tomando a luta pela terra como objeto de análise, podemos dizer que suas primeiras décadas foram caracterizadas por três períodos com características de luta e conjunturas diferenciadas. O primeiro período (1990-1994) caracteriza-se pelos passos iniciais do movimento, ou seja, deve-se à construção da luta, estratégia e táticas na região. Neste período ocorreram 19 ocupações de terras, sendo que as primeiras vitórias vieram no final do período, conforme aponta Sobreiro Filho (2013). O segundo período (1995-1998) foi caracterizado pelo acirramento da luta. A violência foi a resposta dos latifundiários às investidas do movimento na região. Ao retomarmos os principais periódicos regionais deste contexto não é difícil identificar a reincidência de notícias belicosas e declarações/ameaças beligerantes. No período pós 1998 tem-se a mudança das estratégias na região. Em um contexto de crescimento do isolamento político e desenvolvimento das bases do fortalecimento ao agronegócio, a repressão por meio da violência passa a ser substituída pelo crescente processo de judicialização da luta pela terra.

Neste contexto, tendo o MST como movimento originário/matriz, também ocorreu um intenso processo de dissensão a partir de 1998. Apesar das diversas dissensões, conforme apresentaremos um quadro síntese adiante, destacamos que duas foram fundamentais para alterar a história e dinâmica da luta pela terra no Pontal do Paranapanema, conforme afirma Sobreiro Filho (2013), sendo estas: a formação do MAST – Movimento dos Agricultores Sem Terra; e, devido ao afastamento de José Rainha Junior do MST, a formação do MST da Base. Vale destacar que nos caminhos e descaminhos de formação de ambos os

movimentos ocorreram muitas uniões e dissensões internas, ou seja, “dissensão na dissensão”.

Enfim, como produto de todas as reflexões e análises sobre a história da luta pela terra realizada pelos movimentos socioterritoriais camponeses no Pontal do Paranapanema, apresentaremos adiante algumas reflexões onde visamos aprofundar a leitura sobre a circunstância dos movimentos ainda atuantes na região. Nossa motivação em trilhar esse caminho foi justamente a hipótese inicial de que o processo de dissensão nos movimentos tivera contribuição tanto enriquecendo a diversidade de movimentos socioterritoriais, quanto também fora determinante para o refluxo e desarticulação da luta na região, sobretudo enfrentativas-emancipatória, visto que o mesmo se deu no bojo de um processo de cooptação política e isolamento ao MST na região e no Brasil. Para tanto, visando compreender os movimentos por trás destes movimentos de dissensão, realizamos primeiramente uma discussão destacando as benesses e riscos das dissensões. Neste sentido, relevamos a criação da diversidade como um elemento enriquecedor, a luta legítima de todos os movimentos e as diferentes formas de luta pela terra e de produzir/interpretar/interagir/pensar o espaço e o território. Em seguida, como produto final, fechamos discussão propondo uma tipologia de movimentos socioterritoriais de acordo com suas respectivas posturas político-ideológicas, suas estruturas político-organizacionais, formas de se realizar a luta, ações socioterritoriais e também problematizamos uma discussão sobre liderança e relações de poder.

Procedimentos

Nossa preocupação em buscar as origens da luta pela terra destacando a ocupação do Pontal do Paranapanema e a formação dos movimentos socioterritoriais camponeses da região está relacionado à opção em se embasar no método materialismo histórico-geográfico de Soja (1993) e Harvey (2006). Deste modo, realizamos uma leitura espacial com embasamento histórico com a finalidade de poder mostrar o que há por trás da realidade atual e o que justificou a formação e conjuntura atual dos movimentos socioterritoriais no Pontal do Paranapanema. Remontar às origens foi fundamental para identificar alguns processos que a princípio nos parecia obscuro e também identificar sujeitos, contradições e fragilidades.

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi o levantamento bibliográfico para que pudéssemos identificar não somente as contribuições das produções existentes mas também as lacunas e, portanto, se arriscar a uma possível contribuição. Assim, realizamos um levantamento bibliográfico das obras que envolvessem temas centrais em nosso trabalho. Foi realizado um levantamento das obras referentes à área de estudo, neste sentido procuramos sobre: Pontal do Paranapanema; Oeste Paulista; Alta Sorocabana; Alta Paulista; e os trinta e dois municípios que compõem a região. Alguns professores que foram grandes estudiosos da região também tiveram suas obras consultadas. Buscamos o referencial bibliográfico sobre movimentos sociais e socioterritoriais. Algumas obras muito contribuíram para entendermos a formação do MST e as origens da luta pela terra no Brasil, São Paulo e na região. Quanto à discussão teórica em alguns momentos tivemos que recorrer à compra de livros, fato que foi viabilizado pelas parcelas da bolsa e muito contribuiu para a ampliação de uma biblioteca pessoal sobre a temática. Neste sentido, além de obras referente às temáticas também buscamos avançar na consulta e leitura de alguns clássicos e também da Geografia. Além de ambas as fontes, também consultamos acervos de demais pesquisadores e documentos oficiais on-line.

Um dos pilares da nossa pesquisa foi a realização de trabalhos de campo. As visitas, passagens, participação de atividades extrapolaram a ordem de quarenta. Contudo, realizamos dez trabalhos de campo com um cronograma mais fechado e uma metodologia de campo já estabelecida. Dentre uma ampla gama de atividades, participamos de: Ocupações de terras; Visitas em fazendas e áreas ocupadas; Visitas na CooCamp - Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma

Agrária do Pontal Ltda.; Visita na usina de produção de etanol “Nova conquista do Pontal”, do grupo Odebrecht, no município de Mirante do Paranapanema; Encontro Regional do MST; Encontro Estadual do MST; Visitas nos acampamentos do MST, MTST/MAST e MST da Base.

Visto que uma das partes mais importantes do nosso trabalho não contava como referencial bibliográfico, o trabalho de campo foi compreendido como importante instrumento que poderia viabilizar respostas e sanar muitas das dúvidas que tínhamos. Durante os campos realizamos entrevistas abertas, mas orientadas por roteiros flexíveis. Em muitos casos as entrevistas eram coletivas, mas nem todos se interessavam em falar ou preferiam se preservar. Nos ativemos também em realizar entrevistas e buscar diálogo tanto com acampados, coordenadores quanto com as principais lideranças. Outra metodologia que acompanhou os trabalhos de campo e muito nos serviu nos momentos de reflexões e apresentação sobre atualidade da luta pela terra na região foi o diário de campo.

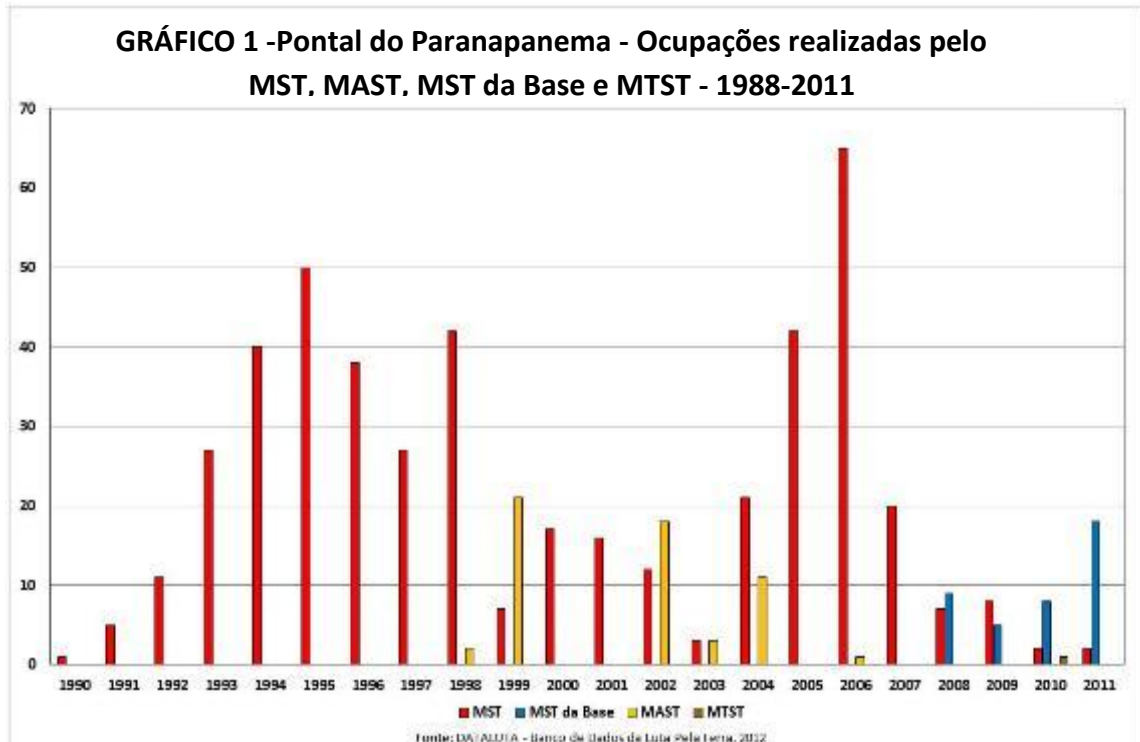
As dissensões no Pontal do Paranapanema: história e atualidade

A dissensão e a mudança de bandeira no Pontal do Paranapanema

Na atualidade, a dissensão se tornou um dos principais processos que leva à criação e formação de movimentos socioespaciais e socioterritoriais no campo e na cidade. Objetivamente, o aumento de sua recorrência acompanhou também o crescimento dos movimentos, das ações, das divergências político-ideológicas e, inclusive, das táticas e formas de cooptação. Diante de uma análise sobre os movimentos socioterritoriais camponeses do Pontal do Paranapanema, Sobreiro Filho (2010) aponta que na ocorrência de uma dissensão ou cisão em um movimento socioterritorial, formando dois grupos ou um novo grupo, um rompe com todos ou parte dos ideais estabelecidos no antigo grupo.

Esse processo pode ser também resultado de alterações decididas pela maioria dos sujeitos participantes que, em alguns casos, ocorre pela intenção de reformulação dos princípios, cujas intenções são de aumentar a resistência afirmando-os ou de integração como o caso do MST da Base e do MAST (FELICIANO, 1999; SOBREIRO FILHO, 2010). Esta ação está relacionada à definição de objetivos diferentes que nortearão a vida cotidiana da luta, ou seja, as práticas e, em alguns casos, se estendem à gestão do próprio território dirigido pela lógica do Projeto Político do movimento socioterritorial, quando este tiver estimado uma organização e planejamento dos modos e meios de produção como o MST (FERNANDES, 1994, 1999; FELICIANO 1999).

Ao remontar a história da luta pela terra no Pontal do Paranapanema identificamos a ocorrência de várias dissensões, dentre elas as mais significativas em termos de expressividade de luta na região foram o MAST – Movimento dos Agricultores Sem Terra, o MTST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o MST da Base (ver gráfico 1). Desde o surgimento dos movimentos socioterritoriais na região do Pontal do Paranapanema, o MST prostrou-se predominante na ocorrência de ocupações de terras. No entanto, com o surgimento do MAST a conjuntura mudou, visto que o movimento adquiriu grande representatividade durante o período de 1998 até 2004 e depois com o surgimento do MST da Base, visto a realização de algumas atividades conjuntas.



Em alguns casos as dissensões se originam sob uma atmosfera conflituosa onde a disputa territorial é movida por ideologias divergentes e seus elementos assediam sujeitos de ambos os lados sob o nexó de uma conflituosidade essencial e contraditória para o desenvolvimento de uma sociedade independente de seu projeto político. Todavia, na realidade de um espaço estruturado sobre égide das relações capitalistas, este processo se dá, comumente, com a finalidade de que de um lado ocorra a corroboração da luta por meio de um caminho de enfrentamento e resistência e do outro lado o atrelamento à lógica de um processo de desenvolvimento desigual, contraditório e combinado por parte do capital, principalmente através de um processo dialético de submissão e alienação² que termina acarretando no estranhamento do próprio sujeito (MÉSZÁROS, 2006). Dentro desta realidade dual há, também, a ideia de meios caminhos como, por exemplo, as políticas de biodiesel e cana-de-açúcar nos assentamentos que são desenvolvidas pelo governo, que nada mais seriam do que uma integração maquiada ou confusamente percebida. Vale destacar que tal concepção quase nada se distancia da lógica do liberalismo social comumente conhecido como o “caminho do meio” ou “terceira via” de Giddens (1999). Todavia, denota-se que apesar de necessários para a problematização e para a discussão, os mesmos quando existentes em uma sociedade estruturada sob os moldes da exploração capitalista servem como massa de manobra que fortalecerá o capital nas diferentes dimensões da realidade.

Indubitavelmente, o Capital é uma questão central aqui, sobretudo, para se pensar e compreender o processo de dissensão, pois são os fundamentos, princípios e posturas políticas-ideológicas criadas a partir desta relação que implicará diretamente na forma dos sujeitos e movimentos socioespaciais e socioterritoriais produzirem espaços e territórios, assim como resistir. Neste sentido, também é fundamental destacar que esta é uma leitura paradigmática³ e que nos permite compreender os “entes”⁴ a partir de mirantes diferenciados e que, neste caso, sob o enfoque da análise paradigmática da Questão Agrária voltamos à velha e decisiva indagação “reforma ou revolução”, contudo destacando o caráter

² Neste ponto não trabalhamos a alienação como o trabalho alienado, exteriorizado e objetivo, mas sim na acepção da consciência negatizada (ver Marx, 2009).

³ Ver Campos (2012) e Fernandes (2009).

⁴ Ver Aristóteles (2010).

subversivo contido no sentido perverso e paliativo de integração da primeira e que somente assim é vista por conta de uma noção histórica da irreformabilidade do capital (MESZAROS, 2002). Mais que uma reflexão sobre os movimentos, esta interpretação visa nos permitir vislumbrar os processos de destruição, integração e recriação do campesinato a partir dos próprios fundamentos e posturas político-ideológicas dos movimentos socioterritoriais, ou seja, em um dos berços do processo.

Assim, as dissensões são resultados de divergências político-ideológicas na qual os objetivos norteadores resultam na criação de uma diversidade de grupos sociais organizados em torno de projetos políticos diferentes e que lutam sob uma perspectiva transformadora. Porém, vale ressaltar que é o projeto político de cada movimento o elemento responsável pela transformação e pelos limites transformadores ao qual este grupo esta se submetendo e transformando a realidade, ou seja, o espaço/território. Deste modo, é importante compreender e relevar que em alguns casos as dissensões, contrariamente ao pensamento positivista que valoriza a quantidade em detrimento da qualidade, ocorrem sob a finalidade de fortalecer a luta através da reafirmação ideológica e do projeto político do movimento reduzindo-o quantitativamente sob o intento da qualificação. Sendo que para tal torna-se necessário que parte dissinda organizando-se em outro movimento ou não e a parte restante mantenha as suas origens, permanecendo aqueles que querem lutar pelos ideais iniciais do movimento.

Neste sentido, salta-nos aos olhos o fato de que no Pontal do Paranapanema, devido à sua história de conflito e forte atuação dos movimentos socioterritoriais camponeses, as dissensões surgiram ao mesmo tempo por interesse de algumas lideranças de movimentos e também, sobretudo no caso do MAST, por interesse também do PSDB, que, por conseguinte estava atrelado ao amplo desenvolvimento do neoliberalismo no país (leia-se também à agenda destrutiva do capital). Conforme apontado por Sobreiro Filho (2013), o Pontal do Paranapanema em seu período áureo foi considerado o “Coração da Reforma”, ou seja, do ponto de vista da luta dos movimentos haviam grandes perspectivas de avanço, no entanto para os interesses do capital, visto que a região tinha potencial de amplificar sua condição de exemplo, representava também um perigo e, portanto, era visto como um “barril de pólvora”. Assim, tal conjuntura despertou aos olhos PSDB não somente a ideia, mas também a necessidade de conter o potencial combativo de um movimento socioterritorial, e aqui destaca-se o caráter socioterritorial visto a necessidade metabólica socioterritorial do capital⁵, camponês unificado com potencial para atacar e questionar com eficiência o Governo e o Estado. Produto das circunstâncias e do caráter destrutivo do capital atrelado, neste período, à face mais clara de um governo neoliberal foi a criação de uma dissensão que visava ir enfraquecendo o campesinato sem-terra aos poucos até que ele sucumbisse aos assédios do capitalismo, tornando-se capitalista ou se metamorfoseando até, de fato, tomar feições e assumir a condição de subordinação. Tal intento culminou, conforme apresentado por Feliciano (2006) e Sobreiro Filho (2010; 2013) na formação do MAST.

Outro ponto de destaque foi a criação também de uma competição e oposição entre os movimentos, fato interessante e de extrema importância para o governo PSDB, pois analisando não somente o período em que ocorreram as dissensões, mas também o período póstumo, observamos que, de fato, a estratégia da dissensão maquiada sob “uma forma pacífica de fazer a luta pela terra” financiada e com diálogo⁶ com o governo converteu-se em abandono, fragmentação/dissensão e oposição intraclasse. Além desta questão, destaca-se também, conforme apontado por Feliciano (1999) sobre as ocupações realizadas pelo MAST, que muitos fazendeiros abriam suas fazendas para as ocupações de terras pacíficas, pois tinham interesse em vender suas “propriedades” para comprar em outras áreas de avanço da fronteira agrícola onde as terras apresentavam caráter documental menos duvidoso. Assim, criou-se também o que chamamos de “mercado

⁵ Como parte de nossos estudos espaciais realizamos também uma leitura geográfica da contribuição de Mézáros (2002).

⁶ Em consonância com a concepção da reforma agrária não sair por conta do Impossível Diálogo com o MST e a CPT, conforme aponta Martins (2000), o PSDB criou um movimento e, portanto, um diálogo possível, ou seja, o diálogo dos governantes.

consumidor da luta pela terra" baseado no interesse tanto dos latifundiários quanto do MAST e que beneficiava ambos os lados.

No entanto, há também um outro processo tão importante quanto a dissensão, porém ocorrido em menor intensidade na região. A troca de bandeira⁷ ocorrida no Pontal do Paranapanema é caracterizada pelo processo em que um movimento ao todo decide mudar a nomenclatura e, portanto, ao mudar a nomenclatura também muda a bandeira/símbolo do movimento. Vale destacar que esta mudança pode ou não estar vinculada também às alterações nas bases e articulações políticas. No Pontal do Paranapanema, identificamos que a troca de bandeira ocorreu por dois motivos principais. O primeiro deve-se à ocorrência de uma mudança na postura político-ideológica do movimento ou alguma reformulação que o leve a deixar a imagem antiga para construir uma nova forma de luta e organização, muitas vezes ocorrendo apenas a nível de acampamento. A segunda, considerada a mais comum, é uma medida estratégica do movimento para deixar algumas das limitações e problemas do movimento adquiridos no transcorrer do tempo, tais como: a discriminação; o isolamento ou falta de diálogo; a falta de apoio do governo, sobretudo no auxílio à alimentação; a criminalização; etc. Um exemplo claro desta estratégia de se desvencilhar da imagem pejorativa foi a criação do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - por Milton David da Silva. Com a saída de FHC do governo federal e também devido ao "fim" da SDS restou o desamparo e a vulnerabilidade ao MAST. Assim, as retaliações foram ainda mais intensas porque o movimento, gestado pela SDS, tinha uma base institucionalizada e, portanto, poderia responder judicialmente ao processo de criminalização de suas ações e da luta em geral. A estratégia encontrada pelas lideranças para driblar o processo foi criar um novo movimento que não tivesse a estrutura institucional que o MAST tivera e que também possibilitasse criar uma nova relação com o governo, tal como realiza na viabilização de cestas básicas com o INCRA. Neste sentido, o MTST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra foi criado com uma estrutura informal para que se pudesse então avançar na luta nos acampamentos e assentamentos. Assim, o MTST consubstancia os dois principais motivos de surgimento de uma nova bandeira, pois além estar ligado a uma origem político-ideológica distinta, também tem relações com institutos governamentais e foi fruto de uma estratégia para se desvencilhar a criminalização e demais formas repressivas e imagens pejorativas.

Diferentes são os motivos que levam à formação de novas bandeiras. Em geral, temos observado que o surgimento de novas bandeiras foi acarretado por cooptação e diferença político-ideológica e por desentendimento na própria dinâmica da luta e modo de organizar as famílias ou cumprir as normas. No entanto, destaca-se também que algumas bandeiras surgiram como fruto de atitudes mais espontâneas, tais como a criação de um movimento independente. Neste mesmo sentido, o acampamento Lagoinha, no município de Presidente Epitácio - SP, é um exemplo da criação de uma bandeira criada por uma atitude espontânea:

Qual o motivo que levou vocês a saírem do MST?

Ninguém saiu! Foi o Joaquim, não te contei? Ele inventou de fazer uma bandeira por conta dele e o pessoal não se manifestou contra ele e não aceitou. Porque ele conseguia trazer a cesta básica do INCRA. Então me parece que estão no acampamento por causa de comida. Só pode ser isso. Comida, se vir eu como e se não vir eu como do mesmo jeito ou melhor ainda. Foi isso, aí o Zé Rainha se afastou. (ENTREVISTA REALIZADA COM ACAMPADOS DO ACAMPAMENTO LAGOINHA NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2011).

Esta circunstância compõe um quadro de relações de interesses políticos destacadas por muitos dos acampados, tanto do MST da base quanto pelos acampados do Lagoinha, que em alguns casos lideranças usufruem deste reconhecimento como forma de

⁷De acordo com Lima (2006, p. 35) o UNITERRA também trocou de bandeira como uma estratégia para, sobretudo, para fugir e resolver problemas.

se promover social e politicamente. No entanto, quanto a isso apontaremos mais adiante. Outro ponto em destaque é que para os acampados a troca de bandeira representou um atraso para o acampamento e também confluiu para sua situação de abandono:

Como você acha que estaria hoje se estivesse junto ao MST?

Eu acredito hoje que nós já estaríamos assentados. Quer que eu fale a verdade? Eu acredito que nós já estaríamos assentados.

Entrevistada: Porque veio o pedido pro Joaquim, do INCRA, ir lá em uma reunião em São Paulo e ele não foi. Junto com o Zé, com todo mundo e ele não foi. Acovardou por conta disso.

Entrevistado: Porque se eu não viajo em 2007, eu fiquei um ano fora. Sai em dezembro de 2007 daqui e voltei em dezembro de 2008. Eu fiquei um ano fora daqui. Quando eu cheguei tinha acontecido tudo isso aí. E foi exatamente no período que saiu a lista do pessoal para ser assentado lá na fazenda Figueira.. Como ele tinha feito essa paiaçada o Zé deixou de mão. Cadê as 19 pessoas daqui? Porque se eu to aqui, em 2007, eu vou no pé do Zé Rainha. Mas Claro que vou e vou correndo. "O Zé cadê a sua promessa, eu quero ver agora você manter a sua palavra. Você quer que eu separe agora as dezenove famílias que merecem ser assentadas dentro da fazenda figueira?" Eu já tinha até a lista em mãos. Eu tenho documentos protocolados pelo INCRA e pelo ITESP. Pega lá Silvana! (ENTREVISTA REALIZADA COM ACAMPADOS DO ACAMPAMENTO LAGOINHA NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2011).

Outra questão fundamental na mudança de bandeira é a representatividade da liderança. Há alguns casos em que o - apadrinhamento - por certa liderança pode acarretar na troca de bandeira. Destaca-se que o apadrinhamento por ser visto em alguns casos como uma relação, compreendida por ambas as partes, de mão-dupla/equivalente, pois de um lado ganha-se o acampamento e os acampados, por conta de uma possível amplificação das possibilidades, e também da liderança, pois massifica-se o número de acampados e cria possibilidades de dar ainda maior destaque para a luta. O acampamento Lagoinha, apontado anteriormente, também é representativo neste sentido, pois, para os acampados que estiveram abandonados, o apadrinhamento realizado por Milton David da Silva significou, em termos claros, tanto a melhoria na organização, visto que não havia ninguém na liderança e não interessava para os demais movimentos ou lideranças, quanto também, de acordo com os acampados e apesar da liderança não sinalizar mudanças muito melhores, conseguiu avançar além das condições anteriores.

Enfim, destaca-se que nem sempre as dissensões ou trocas de bandeiras contribuíram para o avanço da luta pela terra. O desapego ao caráter político-ideológico e a própria falta de identificação com um movimento também foi um dos motivos que levaram certos grupos/movimentos a seguir trocando de bandeiras. Em alguns casos, tal como reflete o acampamento Lagoinha, resultou em um significativo atraso e até mesmo no abandono dos acampados (SOBREIRO FILHO, 2013). Esta situação resultou não só na desistência dos acampados em se fazer a luta, mas também na ocupação de uma área coletiva dentro do Assentamento Lagoinha e na consolidação de ações organizacionais e estruturas dentro do acampamento que se caracterizaram pelos aspectos de permanência e propriedade (Fotos 1, 2, 3, 4 e 5), tais como: barracos de madeira substituindo a lona; a presença de postes de energia elétrica; ruas entre os "barracos/casas"; presença de pomar; cercas e portões; etc.

Foto 1 - Acampamento Lagoinha - Barraco de madeira cercado



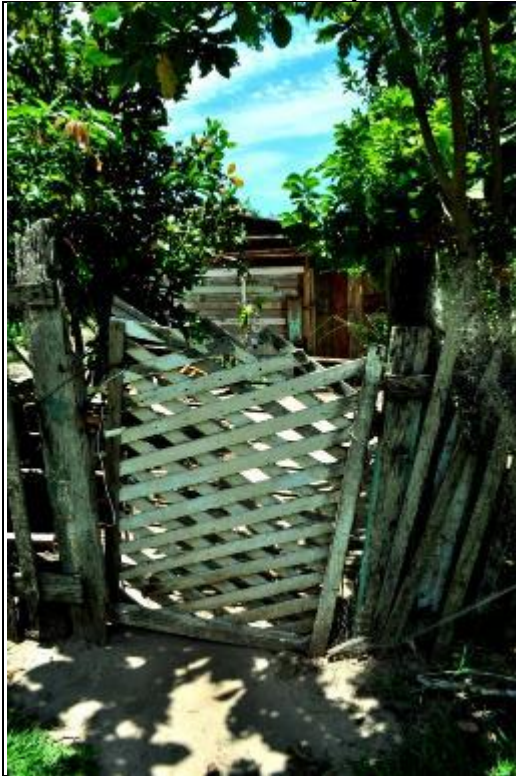
Fonte: AUTOR, 22/11/2011

Foto 2 - Rua do Acampamento Lagoinha com poste de energia ao fundo.



Fonte: AUTOR, 22/11/2011

**Foto 3 - Acampamento Lagoinha
Barraco cercado e com portão.**



Fonte: AUTOR, 22/11/2011

**Foto 4 - Acampamento Lagoinha
Portão fechado com cadeado**



Fonte: AUTOR, 22/11/2011

Foto 5 - Acampamento Lagoinha - Produção no acampamento



Fonte: AUTOR, 22/11/2011

Além do Acampamento Lagoinha, também há outros produtos das dissensões. Dentre eles, destacamos acampamentos abandonados (foto 6) e acampamentos permanentes que passaram a ser mais um espaço de moradia do que de luta (fotos 7 e 8)

Foto 6 - Acampamento abandonado do MAST - Pres. Epitácio



Fonte: AUTOR, 23/11/2012

Foto 7 - Acampamento permanente do MAST - Pres. Epitácio



Fonte: AUTOR, 23/11/2012

Foto 8 - Acampamento permanente do MAST - Pres. Epitácio

Fonte: AUTOR, 23/11/2012

A atualidade dos movimentos no Pontal do Paranapanema: MST e Eixo MST da Base

Apesar dos repetidos apontamentos, sobretudo, midiáticos referenciando que os movimentos não têm mais perspectivas de luta na atualidade, que estão isolados e enfraquecidos, que o programa bolsa família acabou/enfraqueceu os acampamentos e que os movimentos estão isolados, observa-se que no Pontal do Paranapanema, embora não tão intenso como foi na década de 90 e início do século XXI, ainda há grupos organizados lutando.

Na atualidade tem-se dois grupos claramente formados ainda atuantes no Pontal do Paranapanema. De um lado o MST com sua luta já conhecida e consolidada tentando avançar em vários setores tanto na luta pela terra quanto no desenvolvimento territorial, e de outro lado tem-se um grupo que denominados de - Eixo MST da Base - que vem organizando demais movimentos da região e também sindicatos. Este segundo grupo segue avançando tanto em número de ocupações quanto também na formação de um amplo leque de alianças.

Denota-se que o - Eixo do MST da Base - é o que compreendemos como um processo de união dos movimentos, ou seja, ruma no sentido contrário da dissensão. No entanto também é fundamental destacar que este processo já ocorreu anteriormente conforme pudemos notar com o MAST. A formação do que denominamos como - Eixo MST da Base - teve seu início logo após o afastamento de José Rainha Junior do MST em 2003:

Hoje o MST tem duas cabeça né. Uma é o Zé Rainha e João Pedro Stédile. O MST é dividido em dois hoje. O Zé rainha é o movimento do Pontal e João Pedro Stedile é o movimento de cima. Tanto que na hora que ele foi preso o pessoal la se manifestou falou "não, não é do MST não, o Zé Rainha é do outro movimento", quer dizer é nós né. Nós abraçamo a causa com elepreso e tudo e fomo à luta, andamo junto, defendemo, fizemo protesto pra poder tirar ele de la e não fizeram. Então eles la é uma

divergência muito grande. Até dentro dos movimento mesmo. (ENTREVISTA REALIZADA COM MILTON DAVID DA SILVA LIDERANÇA DO MTST E MAST NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2012)

Contudo, naquele período não tivera tamanha expressão, mas de fato, visto que não ocorreu a reaproximação de Rainha com as instâncias do MST (SOBREIRO FILHO, 2010), as primeiras aproximações com os demais movimentos foram se estabelecendo desde então. Porém foi somente a partir de 2010 que as atuações passaram a ficar mais intensas e então foi possível começar a melhor identificar o que era então o Eixo do MST da Base. Quanto à organização e junção dos movimentos e sindicatos aponta a liderança do MAST e do MTST Milton David da Silva:

Quando tiraram a pistolagem, que criaram lei, pra poder fazer ocupação nós tinha que mostrar que nós tinha força né. Ai nós sentamo no sindicato dos trabalhadores rurais, juntos com os movimentos, e nós discutimos pra nós poder fazer uma união só e lançar, na hora que saísse, pra poder fazer as brigadas, todos os movimentos ocupar. Pra poder criar força e dizer "ô não está morto, os movimentos estão atento" então fizemos aliança. Tudo que viesse de trabalho pra repartisse pro MST repartia pra todo mundo nas brigada. Nós recebia lona pro povo fazer acampamento e ai nós juntamo os movimentos mais por causa dessas leis que veio... Logo no início nós tava com a Fetaesp, tava com a CUT, tava com os movimentos sociais o Uniterra, o MLST que é do Gilmarzinho ali em Epitácio, tava com o CTR que é do menino, o Geraldinho, tava com o movimento do Ailson que é pô CTB, tava com o, qual é o movimento dali eu esqueci, com o MTST, o Lino tava com nós também, mas agora saiu porque como eu falei sempre é acostumado a andar nas costas dos outros e mesmo na reunião ele só aparecia na televisão dizendo "não, eu tava lá", mas não tava... (ENTREVISTA REALIZADA COM MILTON DAVID DA SILVA LIDERANÇA DO MTST E MAST NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2012)

Observa-se que nos apontamentos de Milton os intentos de José Rainha Junior após o seu afastamento era de justamente realizar uma rearticulação, com o argumento de combater o isolamento, e poder avançar intensamente realizando ocupações de terras e pressionando o Estado. Também de acordo como apontamos anteriormente parte significativa das vantagens de se vincular ao deve-se ao fato de ser muito conhecido e também tratado como um mito. Nas palavras de Milton *"A vantagem da gente se coligar com ele é que queira ou não queira Zé Rainha é um mito."*⁸. Outro exemplo claro dos intentos de articulações realizadas por Rainha se expressaram também na realização do "Ato em Defesa da Reforma Agrária" pela realização dos movimentos e sindicatos: MST; FERAESP; MTST; STR; CUT; Sind. dos Metalúrgicos do ABC; Sindicato dos Químicos do ABC; Sind. dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região. Outro ponto em destaque é que nos acampamentos, inclusive em alguns que são de outros movimentos tal como aponta Sobreiro Filho (2013) sobre o abandonado do MTST em Presidente Epitácio, acima da bandeira do MTST havia uma bandeira do MST. Enfim, destaca-se que a bandeira do MST usada pelo MST da Base predomina em relação aos demais movimentos agregados, ou seja, o MST da Base além de estar em um outro patamar exerce um papel centralizador entre os movimentos. O mesmo pode ser notado nos apontamentos de Milton:

Óia, pra todo mundo, o Zé Rainha é um mito, pra o assentado, pra todo mundo, o pessoal gosta muito. O cara, onde você for e fala em movimento é Zé rainha. Não tem João Pedro Stedile, não tem outras pessoas. "A em ai os membros, a o Miltão, o Lino" é segunda instância já o Zé é o cabeça. Pra nós até, eu sou liderança de movimento e não devia ta gavano Zé Rainha,

⁸ Entrevista realizada com Milton David da Silva – Liderança do MTST e MAST no dia 24 de novembro de 2012.

mas eu aprendi a luta com ele. Então eu posso dizer assim que ele é uma pessoa que vai ter o respeito pro resto da vida minha de luta né, que a gente aprendeu tudo que faz hoje. E a gente quando fez o assentamento aqui em cima muitas vezes mandava pessoas deles pra cá pra poder fazer assentamento aqui comigo. Eu gosto muito da pessoa dele, trabalhamos junto, a gente luta e é como se tivesse num movimento só. O meu movimento dentro do MST é com o Zé e não com o João Pedro Stédile. É a mesma coisa que tivesse um movimento só. Então quando ele faz as reuniões, convida a gente, põe gente nos ônibus, o povo nosso e leva pra lá também. Então a gente sempre está em contato né, toda semana a gente entra em contato e se comunica. Então é extremamente importante. E pensa em avançar, ele só pensa em avançar. Eu falo "Zé não tem mais povo, só se for nós mesmo, o povo não vai mais pra luta, o povo tá com medo". Tem medo da demora, de ficar num barraco 10 anos. Não é pistolagem não, a terra não sai mais. (ENTREVISTA REALIZADA COM MILTON DAVID DA SILVA LIDERANÇA DO MTST E MAST NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2012)

Uma tipologia de movimentos socioterritoriais: formas de luta e resistência, poder e lideranças

A história da luta dos movimentos socioterritoriais camponeses no Pontal do Paranapanema não é homogênea. As diferentes posturas político-ideológicas dos movimentos testemunham a diversidade da luta. No entanto, não podemos reduzir tal diversidade somente a ocorrência de dissensões, pois determinados sujeitos foram fundamentais tanto no processo cizônio quanto na vinculação ou formação desta postura político-ideológica. Neste sentido, chamamos a atenção para a necessidade de se entender o papel e também o perfil das lideranças como sujeitos importantes para se compreender a postura político-ideológica e tão logo os diferentes tipos de movimentos que existiram e que existiram no Pontal do Paranapanema, além do fato de que em muitos casos as dissensões são também uma questão ligada às lideranças. Assim, tentamos aqui avançar com a finalidade de contribuir para entender não somente os diferentes perfis e/ou faces, mas também a flexibilidade e extensão conceitual de movimento socioterritorial.

Tipologia de movimentos socioterritoriais

Apesar de terem muitos aspectos em comum, os movimentos socioterritoriais que atuam ou atuaram no Pontal do Paranapanema apresentaram posturas, comportamentos e estruturas diferenciadas. Obviamente que houveram movimentos que dissindiram, mas continuaram lutando entorno de uma mesma causa. No entanto, outros movimentos apresentaram claramente uma diferenciação político-ideológica. Destaca-se que no contexto do Pontal do Paranapanema nem todos os movimentos foram sujeitos revolucionários, mas que todos lutaram ou realizaram algum tipo de transformação com significativos desdobramentos benéficos para uma parcela segregada da sociedade. Assim, entendemos a necessidade de não tratar o diferente como igual, pois tal tratamento simétrico nos distanciaria ainda mais de uma aproximação da compreensão da realidade.

Quase todos os movimentos do Pontal do Paranapanema surgiram de dissensões do MST ou de dissidentes do MST, ou seja, o MST se destaca como o movimento matriz da maioria das dissensões e dos dissidentes. Além de ser o movimento matriz, o MST se sobressai também por ser a referência para todos os movimentos, sobretudo, na formação de suas identidades. Podemos notar mais claramente a forte referência do MST no surgimento do MAST, MUST e MTST visto que eles se definiam/identificavam tendo o MST como base e evidenciavam que queriam ser diferente do mesmo, ou seja, não queriam ser como ele por desaprovarem suas ações e ideais. Neste sentido, destaca-se também que o MST era o único que de fato tinha um projeto político e discurso socialista e uma prática

mais enfrentativa na região. De fato, observa-se que o MST segue mantendo o seu projeto político e discurso revolucionário e, portanto, muito se difere dos demais movimentos.

Na verdade, o MST tem o objetivo muito claro, quer dizer, nós temos um processo de luta. A luta pela reforma. Temos muita clareza na bandeira de luta pela reforma agrária. No entanto, o MST tem uma ideologia. A gente faz a luta, busca a organização com o objetivo muito claro de fazer a transformação da sociedade. A gente quer construir uma outra sociedade, outros referenciais do ponto de vista econômico, social, político e cultura. A maioria dos casos de surgimento de outros movimentos é porque tem outros objetivos, são objetivos reformistas, são objetivos pessoais, personalidades, pessoais enfim. Essa é a diferença. A onde está a diferença do MST com os outros movimento que acabou surgindo é que o MST tem em seu fundamento um objetivo muito claro, a gente quer construir uma revolução socialista, a gente quer construir uma outra sociedade e certamente os outros movimentos não tem esse objetivo. Então não se trata de divergências de grupo nem de divergências pessoais, se trata de divergências de projeto, de diferenças de projeto político. Permanece no MST aqueles que adotam, que identificam um projeto político que leva a uma revolução pela classe trabalhadora em busca de uma outra sociedade. (ENTREVISTA COM LIDERANÇA ESTADUAL DO MST, DELWEK, DEZEMBRO DE 2010)

Assim, caracterizado por ser um movimento de massa com forte influência marxista-leninista, o MST, em seu discurso e projeto político, visa a construção literal de uma nova sociedade com outros referenciais econômicos, políticos, culturais, etc. ou seja, uma transformação revolucionária. Como apontamos anteriormente tais características foram os reais imperativos que levaram os demais movimentos tanto se diferenciarem traçando novos e diferentes objetivos quanto também se apropriarem das formas de fazer a luta, construir sua identidade, desenhar suas bandeiras, organizar os acampamentos e as famílias em acampamentos, marchas e construir um projeto político ou não.

Diferentemente, o MAST se assemelhou claramente à estrutura de uma instituição, sobretudo, no cumprimento com os ditames legais que legitimam uma instituição. Sua base tanto político-ideológica quanto financeira⁹ foi importada da SDS e do PSDB. Além de tais financiamentos, alguns pontos caracterizavam o MAST como uma movimento institucionalizado de inclusão precária do agricultor ao capital, tal como: pessoa jurídica; estatuto social; recebimento de verbas governamentais destinadas diretamente par ao movimento; os ideais reformistas; etc. No entanto, apesar de ter sinalizado uma grande vantagem de ordem financeira para o MAST após ser abandonado pela SDS e PSDB foi também característica que possibilitou um forte e agressivo processo de criminalização. De um lado, para os fundadores e lideranças, pode ser tanto uma instituição quanto um movimento socioterritorial, para os integrantes acampados pode ser só visto como um movimento, para o judiciário pode ser uma instituição visto a finalidade processual, para a imprensa pode movimento, etc. Claramente, é um movimento socioespacial e ao mesmo tempo instituição multifacetada, ou seja, mescla características de ambos aos mesmo tempo que compreende contradições crônicas referentes à suas respectivas matrizes genética. Assim, o MAST seria então um sujeito político híbrido que como ônus de seus referenciais estruturantes estivera destinado a carregar perpetuamente as contradições expostas pela relação movimento socioterritorial X instituição.

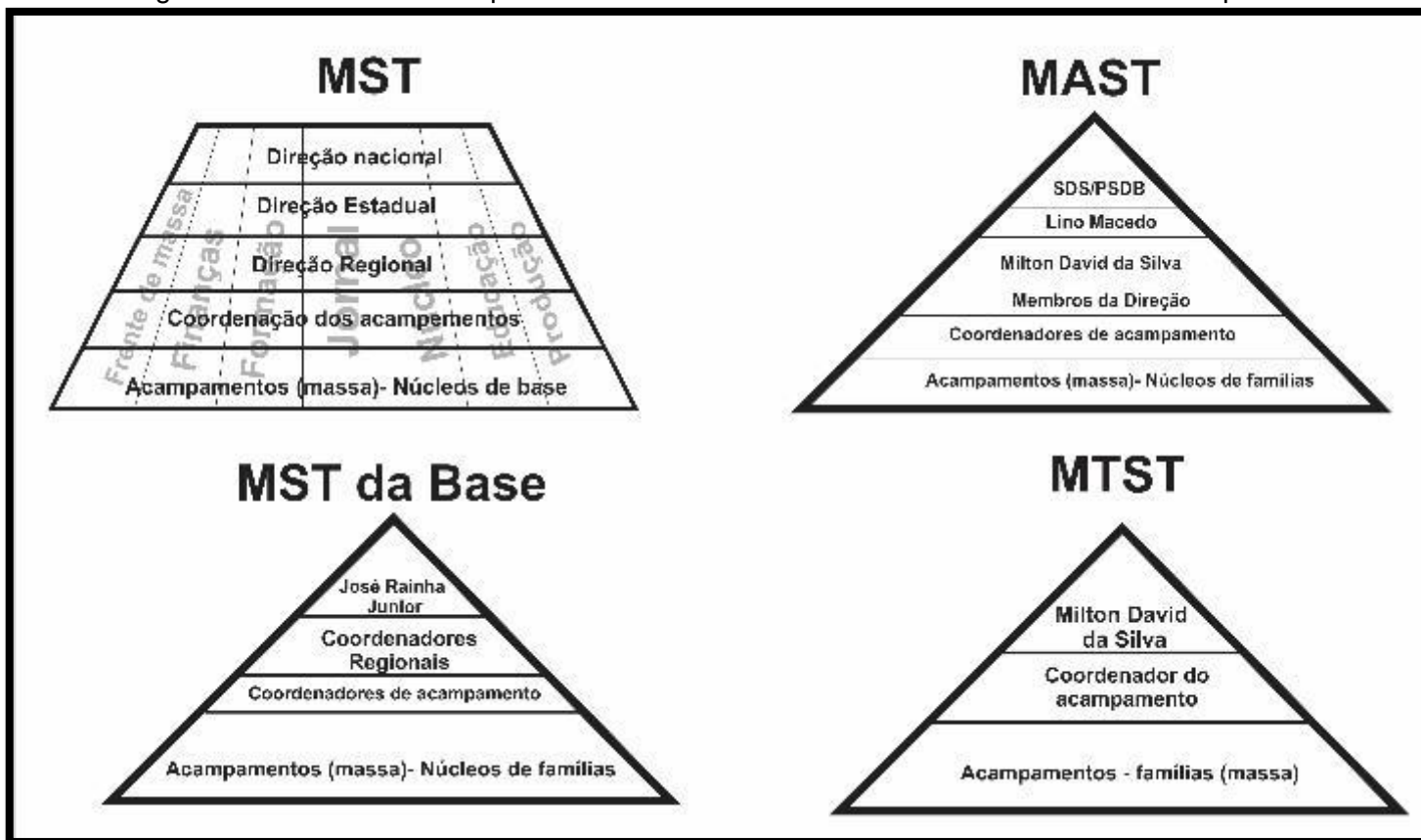
O MST da Base, conforme apontado anteriormente, é caracterizado pela centralidade e personalismo da figura de José Rainha Junior. Indubitavelmente a figura de José Rainha Junior se destaca mais que a do próprio MST da Base em todos os sentidos, tal fato deve-se tanto à sua trajetória de luta, reconhecimento como um mito e também

⁹ Diferentemente dos demais movimentos que muitas dificuldades tiveram por conta dos implicativos de ordem financeira o MAST tinha muitas vantagens devido à proximidade com o governo e partido.

quanto a sua postura de dinamizar a luta¹⁰. Seu projeto político é reflexo de sua proximidade com o governo PT e também se deve à trajetória de Rainha com o partido. Em termos claros, o MST da Base e, portanto, o Eixo MST da Base destaca-se como um movimento a reboque de uma liderança (figura 1).

¹⁰ É comum o reconhecimento de José Rainha como um visionário visto que sempre tentou encontrar novas alternativas para a produção nos assentamentos e também na luta dos acampamentos.

Figura 1 – Pontal do Paranapanema – Estrutura dos movimentos socioterritoriais camponeses



Além das estruturas bem diferenciadas, a forma de organizar o seu território também é um ponto marcante nos movimentos que os distinguem significativamente. Podemos observar a organização espacial e os reais desdobramentos de sua postura político-ideológica no território. Novamente a realidade nos remete à identificação de dois polos são bem claros. Muitos são os projetos de ambos os lados, sendo trabalhos tais como agroecologia, agricultura orgânica, piscicultura em tanques, farinhas, etc. No entanto, dentre uma ampla diversidade de projetos destacam-se alguns e cooperativas maiores. De um lado tem-se o MST com a COOCAMP - Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal Ltda. - que mesmo com muitas dificuldades e problemas jurídico-administrativos ainda tenta organizar uma parcela da produção e lutam por políticas públicas tais como o PAA- Programa de Aquisição de Alimentos, e do outro lado tem-se o Eixo do MST da Base com a FAAFOP - Federação das Associações dos Assentados e Agricultores Familiares do Oeste Paulista- e com o projeto da Cooperbioeste que segue mais ativamente em projetos próximos do governo.

Obviamente que não nos cabe aqui realizar uma leitura crítica e mais profunda sobre ambas as cooperativas, mas obviamente é importante destacar que ambos os movimentos têm se preocupado em promover o desenvolvimento territorial nos assentamentos. No entanto, o foco de ambos os lados, apesar de convergirem em alguns momentos, tem apresentado algumas grandes divergências. No Pontal do Paranapanema o MST tem avançado significativamente no sentido de aproveitar políticas de fortalecimento da produção nos assentamentos e aumentar a cota de venda tal como acontece com o PAA. Muitos tem sido os intentos e planos de avançar no sentido propositivo, pois o movimento tem destacado com frequência a necessidade de se propor políticas públicas que possibilite o desenvolvimento da produção que não seja hierarquicamente imposta e também possibilite a venda de alimentos de qualidade por preços justos. Neste sentido, visto o significativo avanço no setor da educação, o movimento vem formando com graduação assentados e lideranças, sobretudo em universidades públicas, que tem atuado no sentido de criar mais condições de avançar resolvendo os principais problemas dos movimentos, tais como o desenvolvimento territorial, elaboração de projetos e políticas, a criminalização das lideranças, etc.

O Eixo MST da Base tem atuado no sentido de agregar renda aos assentados. A produção de Biodiesel, focado na produção de mamona e pinhão-mansão, é a sua principal bandeira na região e, portanto, se destaca em relação às demais ações. A proximidade de José Rainha Junior com o governo PT foi a peça principal na veiculação do início da expansão do biodiesel na região desde de 2007. Assim, o Eixo do MST da Base pôde avançar e se beneficiar tanto de um momento de expansão do biodiesel quanto da proximidade de Rainha com o governo. A criação da FAAFOP se destaca também como a instituição que possibilitaria a veiculação legal de recursos. Contudo, o projeto passou a sofrer alguns constrangimentos a partir de 2010 sendo inclusive capa de jornal com a manchete "*Programa para produção de biodiesel fracassa no Pontal*" e a notícia "*Biodiesel no Pontal: do sonho à desilusão*"¹¹. Apesar das notícias o que, de fato, impactara e, portanto, prostrou-se como decisivo no constrangimento da produção de biodiesel na região foi as acusações de desvio de verbas e também a prisão de José Rainha Junior.

Observa-se que ambos os lados, FAAFOP e COOCAMP, tem visado e se articulado para organizar e promover o desenvolvimento territorial nos assentamentos, a produção e comercialização. Outro ponto de destaque é que ambos os lados se centraram tanto na veiculação de recursos quanto na utilização de políticas públicas. Tal destaque deve-se também ao fato de que muitos movimentos não conseguiram avançar no sentido de conseguir promover e organizar a produção nos assentamentos, tal como ocorreu com o MAST e com o MTST que tiveram muitos problemas em atuar dentro dos assentamentos, sobretudo, por falta de reconhecimento das lideranças pelos assentados, fato que implica em reduzida atuação em alguns casos. Tais circunstância somada às dificuldades tanto do

¹¹ Ambas as notícias foram publicadas no jornal Oeste Notícias do dia 16 de maio de 2010. Sendo a primeira notícia na capa e a segunda na página 2.2-2.3.

MAST quanto do MTST em avançar para além da luta pela terra nos serve como ponto para pensarmos sobre a tipologia de movimentos socioterritoriais, ou seja, quais as formas de controle, gestão, organização e luta no e pelo território que distinguem os movimentos. Dentre uma diversidade ampla destacamos quatro estágios que consideramos serem os mais importantes e que também nos ajuda a diferenciar um movimento socioterritorial do outro, tais como:

- Luta pela terra;
- Organização dos assentados na luta por condições melhores para o assentamento;
- Organização da produção com melhores condições de produção e viabilização da comercialização em feiras, mercados e políticas públicas;
- Elaboração/proposição, participação e questionamento de políticas públicas, disputando o Estado;

Obviamente que nem todos os movimentos realizam a luta, controle e gestão em todos estes quatro estágios. Destaca-se nesse sentido o MTST como um movimento que realiza de maneira muito tímida apenas a luta pela terra enquanto o MST, como uma estrutura mais complexa, que realiza todos os estágios. Enfim, tais elementos nos remetem à questão central apontada aqui no início que é de não tratar o diferente como igual e, portanto, essa visão que considera tanto a luta pela terra quanto a luta na terra é fundamental para entendermos os movimentos em sua diversidade.

O perfil e papel das lideranças

A atualidade da luta pela terra no Pontal do Paranapanema é compreendida por elementos muito distintos das décadas anteriores. Apesar de algumas lideranças serem muito conhecidas e também reconhecidas nacional e internacionalmente, visamos destacar alguns pontos ainda não apresentados sobre sua importância e atual condição na luta pela terra no Pontal do Paranapanema. Diferentemente de Turatti (2005) que apresentou uma leitura antropológica interessante sobre "hierarquia, poder e submissão" em determinado acampamento do MST com foco nas lideranças que coordenadoras de acampamento, realizaremos aqui uma leitura sobre as principais lideranças atuantes na região com destaque sobre os movimentos MTST e MST da Base.

Em geral, os grandes movimentos socioterritoriais/sociais e transformações no mundo contaram, foram iniciadas e/ou organizadas também por grandes lideranças e personagens importantes e a história da Luta Pela Terra no Pontal do Paranapanema, como uma região destacada na luta, não foge a regra. No entanto, a condição de algumas lideranças, sobretudo as personalistas, ainda é uma questão anuviada, também polêmica e curiosa, pois alcançaram o patamar de importantes agentes na luta. É justamente por conta de sua importância e, mais especificamente de algumas lideranças, que conseguem carburar os principais elementos que compreendem a questão agrária com um potencial transformador embotado de argumentos políticos, sociais, ambientais, etc., e dar propriedades combustíveis e às suas ações e lutas.

No Pontal do Paranapanema tem-se uma realidade de tamanha expressão de algumas lideranças na luta pela terra que é comum, conforme apontado anteriormente, que, com exceção ao MST da região, os demais movimentos são referenciados por lideranças. É recorrente em sua história atribuir aos movimentos dissidentes a figura de um sujeito, dentre as muitas denominações repetem-se: "MAST do Lino Macedo". "MAST do Miltão" ou "MAST do Milton", "MST do Zé Rainha", "MTST do Milton" ou MTST; etc. Não é estranho atribuírem um movimento a uma determinada liderança. Tal fato ocorre tanto por conta das muitas dissensões quanto também por um papel de destaque e reconhecimento imposto ou popularmente atribuído. Tão comum quanto referenciar um movimento a uma liderança é também o apego a determinada liderança em detrimento de determinado projeto político ou sequer a existência de um. Este processo reflete claramente em um desapego político-ideológico dos acampados, visto que muitas vezes o elemento decisivo na escolha da

liderança/movimento é a chance deste(s) oferecer a curto prazo melhores condições de vida, ser assentado, produzir, comercializar, etc. De fato, ocorre uma valorização das - Vantagens - de estar no acampamento de determinada liderança/movimento em detrimento do apego político ideológico, fato que repercute e também reflete o intenso processo de despolitização da massa que luta pela terra na atualidade, ou seja, o personalismo e sua valorização tem sido elemento altamente despolitizante na luta pela terra por atacar e não possibilitar um estado de consciência de si e também coletiva de modo que evite o estranhamento.

Todo o nosso percorrido nos permite afirmar que as lideranças têm papel decisivo e fundamental na luta pela terra. Sendo assim, tem também grande valor e poder simbólico. Conforme apontamos José Rainha Junior é tido como um mito, é respeitado e admirado por lideranças de outros movimentos, inclusive algumas do MST tanto em São Paulo quanto a nível nacional, é visto como um revolucionário que chega ao ponto de ser comparado a Che Guevara por alguns acampados e, portanto, representa a esperança para muitos sem-terras e assentados. Não é por menos que a liderança consegue mobilizar grande número de famílias e de ocupações, ampliar o leque de alianças, conseguir apoio do governo federal, chamar atenção da mídia ainda que afastado das instâncias do MST, criar projetos no setor produtivo, etc.

Portanto, visto tal realidade, que chamamos a atenção para pensarmos a importância, significado e poder de uma liderança. Assim como ocorre com os movimentos socioterritoriais que tem uma tipologia, a diferencialidade entre elas também é uma questão importante a se pensar e analisar as lideranças para não se tratar o diferente como igual.

O destaque de Rainha, conforme apresentado anteriormente, remonta à toda sua luta desde o período do MST quando começou a se destacar nacional e internacionalmente. Contudo, apesar de haver um grande destaque de Zé Rainha, ainda em sua atuação no MST a estrutura tinha instâncias que lidavam e trabalhavam com tal condição no sentido de segurar/frear o avanço e risco de um personalismo mais generalizado e da concentração de poder. Todavia, denota-se que o MST da Base não consta com tais instâncias diretivas que posam frear tal circunstância. Ou seja, no MST da Base José Rainha prostra-se como o núcleo e cabeça do movimento, tanto que durante seu período de cárcere o movimento enfrentou o recesso e a inércia. Tal fato, em suas expressões reais, se reflete na perda da dinâmica do movimento visto que está nitidamente dependente da existência, participação e também das ações e decisões tomadas pelo mesmo (SOBREIRO FILHO, 2013).

Neste sentido, pode-se afirmar com clareza também que muitos dos acampados e envolvidos na luta promovida do Eixo do MST da Base não se identifica diretamente com o movimento, mas sim com a liderança por conta de sua trajetória de luta e conquistas, assim apostando nele para alcançar melhores condições de vida. Sob outros olhos tal processo denota também uma clara relação de dependência na figura de Rainha destacando-o como essência do Eixo e do movimento. Em termos claros, sem sua presença o MST da Base assumiu a condição contraditória de um movimento parado. Tais circunstâncias nos remetem também a um importante e polêmico questionamento a se pensar "O que, como e se seria o MST da Base um movimento sem José Rainha?". Novamente remontamos ao período de cárcere, visto que foi também uma amostragem da resposta à esta questão.

Além dos muitos questionamentos e das críticas referentes tanto ao personalismo quanto à despolitização da luta, outra interpretação possível quanto a relevância do papel de uma liderança no tempo histórico é que podemos mirá-lo também como um visionário com base não somente na luta¹² que conseguiu realizar e amplificar como também no fato de ter incorporado e assimilado muitas das inúmeras críticas feitas ao MST. Nesse sentido, um dos nossos questionamentos, ainda não respondido, é "A postura de José Rainha Junior não seria, em partes, a postura crítica tão esperada de José de Souza Martins em sua obra

¹² Destaca-se não somente por ter sido uma das poucas dissensões do MST que logrou crescimento e reconhecimento na luta pela terra, mas também por conseguir ir muito além das expectativas e por atuar em áreas ainda pouco exploradas.

Reforma Agrária: O Impossível Diálogo?". Acreditamos que em partes sim, mas muitas outras questões somente o tempo nos permitirá uma análise ainda mais precisa.

Outra trajetória que muito contribui para pensarmos e avaliarmos a condição e importância das lideranças nos movimentos é a de Milton David da Silva. Formado no MST, importante liderança no MAST e principal liderança do MTST, Milton se destacou pela criação do MAST Estadual, do MNF - Movimento Nova Força e do MTST e também pela sua intensa atuação com os movimentos na região. Alguns elementos e processos atrelados à imagem e história de Milton são importantes e devem ser considerados, tais como: apadrinhamento; intento de expansão dos movimentos; personalismo; criação de novos movimentos para cumprir algumas demandas; etc. Destacamos a princípio que, conforme apontara em entrevista, adotara como estratégia a criação de alguns movimentos tanto para conseguir se desvencilhar da imagem pejorativa e, portanto, driblar em partes a criminalização da luta pela terra quanto também para conseguir algumas demandas dos acampamentos como, por exemplo, cestas básicas. Neste sentido que surgiram movimentos como o MNF e o MTST. Outro ponto interessante foi a tentativa de criar movimentos a nível Estadual e Federal, visto que são tanto mais visíveis quanto também, pela ampla representação, permitem chamar mais a atenção e, portanto, aumenta as chances de algumas conquistas.

Contudo, o que mais nos chama a atenção neste caso é a necessidade de uma liderança para a movimentação/dinâmica da luta e alcançar melhores condições para os acampamentos, assentamentos e sua conquista. Mais uma vez o acampamento Lagoinha é exemplo pictórico, pois visto que enquanto estivera sem bandeira buscou a pessoa de José Rainha Junior para se somar a sua luta. Todavia, como não conseguiram se vincular à Rainha tentaram contato com Milton, que por sua vez estabeleceu contato e o "apadrinhou". Tal fato, destaca dois pontos centrais e complementares que são muito importantes para se compreender o papel e também a diferencialidade das lideranças. Primeiramente a necessidade de uma liderança para o acampamento deve-se ao fato de que esta viabiliza algumas necessidades e também representa esperança de melhores condições para o mesmo. Assim, a aproximação de Milton toma formas de apadrinhamento do acampamento¹³ e alguns acampados assim reconhecem o acampamento como "*aqui é um acampamento do Milton*", fato que reforça o caráter personalista¹⁴. O segundo ponto deve-se à prioridade do apadrinhamento, em que destacou-se José Rainha Junior como a liderança em foco e Milton David da Silva como a liderança secundária.

Liderança e poder

Não nos preocupamos aqui em ousar fazer uma genealogia do poder nos movimentos socioterritoriais do Pontal do Paranapanema. No entanto, também não podemos deixar passar despercebido aspectos importantes da trama histórica da luta pela terra e dos principais sujeitos que sob um olhar crítico expressam claras relações de poder. Deve-se ficar claro que nos ateremos em uma discussão sobre poder não no âmbito da luta de classes, mas nos ateremos a alguns pontos específicos em uma escala micro, ou seja, na escala dos movimentos socioterritoriais camponeses do Pontal do Paranapanema. Nesse sentido, valemo-nos de grandes contribuições tais como a de Foucault para pensarmos seriamente sobre a questão do poder e das lideranças nos movimentos.

Vistas as nossas necessidades, Foucault tem grandes contribuições por nos oferecer um referencial que permita entender o poder não somente no sentido de uma supraestrutura e da luta de classes com forte destaque da economia-política como podemos também identificar pelo seu especial destaque nas reflexões de Marx, mas no contexto das microrrelações e também no fato de o poder, de maneira multifacetada, estar em toda parte

¹³ A veiculação da cesta básica é ponto mais destacável do interesse dos acampados na relação com Milton.

¹⁴ Neste sentido também é interessante destacar que muitos acampados mal se reconhecem como parte do movimento, mas sim como atrelados à figura da liderança.

e, portanto, em todas as relações que compreendem o nosso tecido social. Ou seja, o poder habita cada sujeito e está presente em todas as relações, e não somente na supraestrutura. Ainda neste contexto, visando não reduzir nossa abordagem sobre poder e liderança à uma análise diminuta e, sobretudo, maniqueísta destacamos uma passagem de Foucault que muito contribui para identificar não somente a transversalidade, mas também o poder como um combustível que maquina e dinamiza a tessitura social:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função de reprimir. (FOUCAULT, 2012, p. 45)

Neste mesmo sentido incorporamos a discussão de Balandier por destacar claramente alguns desdobramentos importantes promovidos pelas relações de poder e até mesmo sua necessidade:

"El poder político organiza la dominación legítima y la subordinación y crea una jerarquía que le pertenece"[...] Esta relación se impone en tanto que hecho - el devenir histórico de las sociedades políticas la pone de manifiesto - y en tanto que necesidad lógica, el poder resulta de las disimetrías que afectan las relaciones sociales, mientras que éstas crean la distancia indispensable al funcionamiento de la sociedad. (BALADIER, p. 1976, p. 91)

A concepção de Balandier avança no sentido de evidenciar o aspecto político. Somando esta mirada com a concepção de Arendt (2009) que tanto toca e foca na pluralidade dos homens e, portanto, no princípio da diversidade identificamos claramente o contraste entre a necessidade da existência do poder e a opressão. O economista keynesiano Galbraith muito acrescenta nesse sentido em sua obra "Anatomia do poder". O autor apresenta o poder em três feições, sendo elas: o poder condigno, caracterizado pelo caráter punitivo; o poder compensatório, em que a submissão é recompensada, sobretudo, pecuniariamente; e o poder condicionado que está mais ligado à uma subordinação obscura que acarreta na mudança de convicções tais como crenças, etc., tal como foi operado por governos capitalistas e socialistas. Outro ponto de destaque é que Galbraith atribui o exercício do poder a três fontes principais, sendo elas: a personalidade; a propriedade; e a organização. Apesar deste amplo leque, emprestaremos somente uma parte das reflexões visto a real conjuntura das lideranças no Pontal do Paranapanema. A proposição de Galbraith quanto ao poder compensatório comunga com parte significativa de nossas afirmações até o momento.

O poder compensatório, em contraste, conquista submissão oferecendo uma recompensa positiva - proporcionando algo de valor ao indivíduo que assim se submete. Em um estágio anterior do desenvolvimento econômico, como ainda hoje em economias rurais elementares, a compensação assume diversas formas, inclusive pagamentos em espécie e o direito de lavar um pedaço de terra ou dividir o produto das terras do senhorio. E, da mesma forma como uma repreensão pessoal ou pública é uma forma de poder condigno, o elogio é uma forma de poder compensatório. Entretanto, na economia moderna, mais importante expressão do poder compensatório é, sem dúvida, a recompensa pecuniária - o pagamento em dinheiro por serviços prestados, o que vale dizer, pela submissão aos objetivos econômicos ou pessoais de outros. Quando transmitir um significado mais adequado, usaremos a expressão pagamento pecuniário. (GALBRAITH, 1984, p. 5)

Contudo, transpondo para o plano da discussão, troca-se a recompensa pecuniária pela conquista de um lote, pela recuperação da dignidade, por alcançar um patamar mais elevado, melhor qualidade de vida, etc. A personalidade e organização são duas das três fontes de poder também se destacam em nosso estudo. Contudo, chamamos a atenção, sobretudo, para o papel da liderança, que na concepção de Gaibraith:

A personalidade - liderança, na linguagem comum é a qualidade do físico, da mente, de oratória, de firmeza moral ou de qualquer outra característica pessoal que dá acesso a um ou mais instrumentos do poder. Nas sociedades primitivas, este acesso era aberto através da força física para o poder condigno; permanece ainda hoje uma fonte de poder em algumas famílias ou comunidades de jovens para o homem mais forte e musculoso. Entretanto, nos tempos modernos a personalidade está primordialmente associada ao poder condicionado - à aptidão em persuadir ou gerar crenças. (GALBRAITH, 1984, p. 6)

E

A palavra *líder*, na sua aceção comum, é ambígua e deveria ser entendida como tal. O líder pode ser exímio na arte de conquistar a submissão de outros aos seus propósitos. Mas na interpretação cotidiana, no mais das vezes é apenas um perito em identificar para a multidão os próprios objetivos dela. (GALBRAITH, 1984, p. 45)

Somada não somente à capacidade de reconhecer as demandas sociais tem-se também a potencial de resolvê-las e o histórico de conquistas, por parte de algumas lideranças, das demandas coletivas. É justamente nesse sentido que conseguimos transpor a contribuição de Galbraith para o contexto do perfil de algumas lideranças de movimentos dissidentes do Pontal do Paranapanema, pois esta conjuntura somada a demais elementos, tais como as condições de miséria, o desejo de reinserção e a reconquista da dignidade, o reconhecimento e própria mitificação de algumas lideranças, etc. que evidenciam, sobretudo no crescimento, reconhecimento, atuação e na estrutura dos acampamentos e estrutura organizativa da produção, as reais faces do poder centrado nas mãos de algumas lideranças. Como importante elemento que viabiliza tal conquista e também potencializa a condição das lideranças em relação ao poder tem-se a organização. Galbraith aponta:

E outros. A verdadeira medida do poder de um líder pode ser julgada pela sua capacidade de persuadir seus seguidores a aceitarem as soluções que propõe para os problemas deles, a aceitarem os caminhos que abre para as metas deles.

Como a personalidade age em íntima conexão com a sua clientela, é inevitável que uma estrutura se desenvolva. O político acaba possuindo o que se denomina uma organização ou, se a estrutura tornar-se notavelmente sólida, uma máquina. O líder sindical eficaz organiza um sindicato forte; o homem de negócios competente, uma empresa bem administrada; o líder religioso, uma igreja e uma congregação. A personalidade invariavelmente procura o reforço da organização. (GALBRAITH, 1984, p. 46-7)

Tomando como referência tal contribuição destacamos que, a grosso modo, há três perfis de lideranças encontradas atualmente na região do Pontal do Paranapanema e que expressam formas distintas tanto de lidar com o poder quanto de exercê-lo e dividi-lo ou não:

- Lutam coletivamente dentro de uma estrutura organizada onde o poder e as decisões são mais pulverizadas e divididas um grande quadro de lideranças
- Lutam coletivamente, mas destacam-se como centralizadoras e personalista de modo que mesmo contando com demais lideranças para a realização da luta, sobretudo na parte operacional, as tomadas de decisões concentram-se na sua

pessoa, fato que também pressupõe a existência clara de uma estratificação inclusive entre as lideranças;

- Lutam coletivamente, mas estão subordinadas à uma centralidade, participando mais da parte operacional do que da parte estratégica e política;

Neste sentido, é importante destacar que apesar de haver uma ideia de que em muitos casos o poder de determinadas lideranças ocorreria de maneira obscura, mascarada e até mesmo desconhecida por muitos dos acampados dos movimentos, afirmamos que é justamente às avessas. Muitas das posições e dos perfis de algumas lideranças são tanto reconhecidas pelos acampados e vinculados quanto também reforçados pelos mesmo, ou seja, o vínculo com determinadas lideranças deve-se justamente pela sua condição. Tal condição casa diretamente com o apontamento de Foucault:

Imediatamente surge uma questão: como é possível que as pessoas que não têm muito interesse nele sigam o poder, se liguem estreitamente a ele, mendiguem uma parte dele? É que talvez em termos de *investimentos*, tanto econômicos quanto inconscientes, o interesse não seja a última palavra, há investimentos de desejo que explicam que se possa desejar, não contra seu interesse - visto que o interesse é sempre uma decorrência e se encontra onde o desejo o coloca - mas desejar de uma forma mais profunda e mais difusa do que seu interesse. É preciso ouvir a exclamação de Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento elas efetivamente desejavam o fascismo! Há investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem, e que fazem com que o poder exista tanto no nível do tira quanto do primeiro-ministro e que não haja diferença de natureza entre o poder que exerce um rei e o poder que exerce um ministro. É a natureza dos investimentos de desejo em relação a um corpo social que explica por que os partidos ou sindicatos, que teriam ou deveriam ter investimentos revolucionários em nome dos interesses de classe, podem ter investimentos reformistas ou perfeitamente reacionários a nível do desejo. (FOUCAULT, 2012, p. 139-0)

Salvas as especificidades da comparação com o exemplo de Foucault, sobretudo pelo aspecto pejorativo, destacamos que há uma massa consciente e interessada nestas relações de poder. Esta circunstância reforça nossos apontamentos de que em alguns casos a identificação pode ocorrer e estar ligada diretamente à imagem da liderança e não de um movimento. Contudo, muitas destas se apropriam das benesses de estarem articuladas em forma de uma organização. Neste contexto é fundamental trazer tal reflexão para o plano de uma organização. Galbraith aponta:

Admite-se que a organização seja indispensável quando se busca o poder ou se necessita dele. É portanto da organização que provém a persuasão necessária e a consequente submissão aos seus propósitos. Mas a organização, como no caso do Estado, também tem acesso ao poder condigno - a diversas formas de punição. E os grupos organizados tem maior ou menor acesso ao poder compensatório, de acordo com a propriedade que possuem. (GALBRAITH, 1984, p. 7)

E:

Indivíduos e grupos buscam o poder para promover seus próprios interesses, inclusive, e talvez principalmente, seus próprios interesses pecuniários. E para estender a outros os seus valores pessoais, religiosos e sociais. E também a fim de obter apoio para a sua visão econômica ou alguma outra visão social do bem público. (GALBRAITH, 1984, p. 8)

No entanto, destacamos aqui alguns pontos críticos relacionados à concentração de poder nas mãos de algumas lideranças, "movimentos" e movimentos. Pois, pode assim, ao

invés de um movimento socioterritorial/social tomar a feição de um grupo de pessoas arregimentadas por determinada pessoa/liderança que contém uma dinâmica de luta parecida com determinados movimentos socioterritoriais, no entanto sua estrutura política se difere muito do que se pensa ser um movimento socioterritorial pois pode tomar forma de uma massa movimentada por uma liderança e também ter uma dinâmica dependente da mesma. É evidente que toda liderança e todo movimentos socioterritorial tem poder e relações, no entanto o que nos chama atenção é a forma como se faz uso do poder, como se concentra e distribui ele ou não, como o poder pode descaracterizar a lógica de um movimento socioterritorial, etc. Ou seja, quais os riscos destas feições? Quanto a tal circunstancia aponta a liderança do MST¹⁵:

Eu acho que essa postura é um atraso para a classe trabalhadora. E como eu já disse, o trabalhador só se identifica como classe em ações coletivas, em ações organizadas enquanto classe. Na medida em que tem um movimento que identifica numa pessoa, num líder, toda a experiência histórica da classe trabalhadora já mostrou que é um atraso. Quer dizer, a gente não pode se identificar quanto classe, construir e organizar a nossa luta a partir de pessoas, de indivíduo. Nós temos que ter claro o nosso projeto político, nosso projeto é coletivo e deve ser conduzido pela classe trabalhadora e se identificar como classe justamente a partir de ações coletivas. Então, o que eu diria é o seguinte, pra mim é um atraso. Atrasa a luta dos trabalhadores, atrasa a consciência dos trabalhadores no momento histórico. Então eu acho que esse é o grande prejuízo que esse tipo de movimento, que esse tipo de personalidade acaba trazendo para os trabalhadores. (ENTREVISTA COM LIDERANÇA DELWEK, DEZEMBRO DE 2010 - GRIFO NOSSO)

Obviamente que a crítica apontada deve-se à uma concepção de base marxista-leninista, contudo destaca-se a consciência de tal crítica e circunstância também compor o quadro de reflexões de um movimento. Neste sentido afirmamos que as guinadas e tomadas de decisões de um movimento na realidade pode ser apenas reflexo das escolhas de uma única liderança. Por outro lado, Galbraith aponta reflexão muito interessante que está relacionada além da crítica que se faz sobre a condição de uma liderança, no nosso caso personalista e centralizadora porque aponta também a questão do juízo de suas lutas, fato que desmonta um conjunto de argumentos e relega as críticas à desimportância:

A linguagem cotidiana costuma lembrar as razões pelas quais se procura o poder. Se houver um vínculo estreito com os interesses de um indivíduo ou grupo, diz-se que o poder está sendo buscado para fins egoístas; se refletir o interesse ou as ideias de um número maior de pessoas, os envolvidos são considerados líderes ou estadistas inspirados. (GALBRAITH, 1984, p. 9)

Outra questão importante neste sentido é uma disputa entre as lideranças e que muitas vezes toma uma feição muito próxima de um jogo de vaidades tal como aponta o entrevistado *"É o problema. É igual a igreja, isso é política. É igual religião, cada um pensando em arrebanhar os seus, trazer o seu rebanho para si. é a mesma coisa. Eu vejo dessa maneira"* (Entrevista realizada com acampados do acampamento Lagoinha no dia 17 de dezembro de 2011). Esta crítica está associada ao fato de que ocorre em alguns casos, Lima (2006) identificou também em alguns movimentos dissidentes, o encastelamento de determinadas lideranças juntamente à uma estratégia de promoção social, ou seja, muitos acampados destacaram o fato de que algumas lideranças utilizam-se de tal "cargo" para benefício próprio. Destacamos isso por conta de que algumas lideranças concorrem para

¹⁵ Destaca-se neste caso a existência de um quadro de lideranças para evitar a dependência, o personalismo e outras faces da concentração de poder.

cargos políticos tal como vereadores¹⁶ e também o acampamento Lagoinha é expressão clara deste processo, conforme apontamos também anteriormente, e complementa:

Sobre ocupações... Elas eram constantes e por que pararam de fazer ocupações?

Porque acabou, saiu a bandeira do MST. Se nois tivesse com a bandeira do MST aqui as coisas teria melhorado. Mas como o seu Joaquim Ferreira Rabelo ali, esse burro... não vou falar um palavrão aqui, esse burro dos diabo. Ele inventa de fincar uma bandeira e depois não sabe nem para onde vai. O Zé Rainha, eu ouvi dizer, não tenho certeza que teve uma pessoa, que parece que era o Zé, que chegou ai e viu outra bandeira fincada ai, uma tal de movimento camponês. O Zé Rainha abandonou isso aqui e não voltou nunca mais. E o pessoal aceitou. O próprio acampado aceitou. Não protestou e não foi contra o que ele fez. Se eu tivesse aqui não tinha acontecido isso. Porque eu sempre puxei as confusão aqui, eu sempre assumi os B.O. e não tenho medo. Eu não tenho medo. Eu não tenho medo de abrir o verbo, chegar aqui e falar ó fulano você errou, você não pode fazer isso. O povo ta sofrendo ai. Você tem que lutar em prol do benefício de quem está sofrendo. Não em benefício de si próprio... é arrebanhar 500 ou 600 pessoas e falar eu quero 10 conto por cadastro. Dali a pouco bota cinco mil no bolso e, ou dez mil no bolso ou sei la quanto que é... (ENTREVISTA REALIZADA COM ACAMPADOS DO ACAMPAMENTO LAGOINHA NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2011)

Neste mesmo sentido, outro ponto importante que reflete tanto às relações de poder quanto também ao conflito e um perfil diferenciado das lideranças é a falta de diálogo e a imposição das ideias de algumas lideranças, tal como aponta o acampado no acampamento Lagoinha:

Joaquim: Quando vai aprofundar as conversas eles não aceitam. Eles não aceitam. Quando você quer atingir no miolo da ferida eles não aceitam. Eles querem simplesmente terem poder sobre o acampado. Quer que o acampado seja como eu falei, que balanguem o rabinho e vai atrás. Mas na hora que os acampado querem atingir no meio da ferida eles não aceitam. Agora por qual motivo eu não sei. Esse que eu não entendo qual é o motivo.

Não aceita ser questionado?

Joaquim: Não aceita você debater contra ele. Não aceita que você opine. Se você da uma opinião que seja favorável a eles beleza, se não é favorável você não serve. Eles falam que você tem que sair daí, você não presta para o movimento. Movimento é igual um trem passando pela pista ferroviária, cada cidade tem uma estação, cada estação sai gente, cada estação entra mais gente. O que eles falam é isso. Eles não reconhecem o que você fez a dez anos atrás, o que você tem sofrido durante esse tempo. (ENTREVISTA REALIZADA COM ACAMPADOS DO ACAMPAMENTO LAGOINHA NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2011)

No entanto, além da via informal, que se expressa na recusa do diálogo e na imposição de algumas ideias, podemos notar tal realidade também nas novas estratégias que algumas lideranças têm se dedicado na região. A VDR - Vila dos Ribeirinhos, que em termos claros é a luta pela criação de uma fazenda tanque-rede e chácaras, é uma nova estratégia e a própria organização documental traz apontamentos claros de hierarquia e subordinação. Podemos ver tal realidade na figura 2 e 3.

¹⁶ Milton David da Silva concorreu para o cargo de vereador, mas perdeu por conta da rejeição dentro dos próprios assentados do assentamento onde vive.

Figura 2 - Carteira de cadastro da Vila dos Ribeirinhos

VDR - VILA DOS RIBEIRINHOS
CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO
 Nº.....
 Nome.....
 Cidade.....
 End.....
 Líder: Milton David da Silva
GRUPO
MTST NACIONAL
 Registrado pelo
 INCRA e VDR
 Retroceder sim, render-se jamais


Por fim, chamamos a atenção para um último ponto que é destacar mais uma das faces do poder que envolvem a luta pela terra. Neste caso, relacionamos o poder de uma liderança no contexto das ações de um movimento. As palavras da liderança Milton conseguem expressar claramente vários dos elementos que discutimos até o momento, tal como a personalismo, organização, poder, etc. e portanto, destacamo-la pelo seu teor e a capacidade sensória:

Enquanto eu não fiz o primeiro assentamento eu era meio assim. Mas depois que eu fiz o primeiro assentamento eu peguei gosto pela coisa. Você arrastar multidão. Uma vez nós fomos ocupar uma fazenda ali em Epiácio. É 17 km de Epiácio. Você acredita que quanto o primeiro carro chegou la na fazenda tava indo o ultimo de Epiácio, 17 km. Seiscentos e poucos carros, um na bunda do outro, ai você fala assim "a eu sou o rei". É gostoso, você falar assim "vamo pegar". É igual cachorro que ta com você, tudo que você educar eles vão.

Qual a sensação?

Ave Maria, de um poderoso. Dono do mundo. O que entrar aqui eu mato, eu esfolo, eu arrasto. O fazendeiro não mandava não. Nós chegava na porteira, "não, eu quero entrar" "não você vai ficar ai". E nós mandava. Não tinha lei pra poder proibir. Nós deixar ele entrar enquanto nós tivesse la dentro. Agora não, agora é o fazendeiro dentro e nós fora. "A ta ai dentro, então espera um pouquinho que você vai ter que assinar um papel, pois já vai pra cadeia é já". Ai nós foi desgostando né. Muitos processo... (ENTREVISTA REALIZADA COM MILTON DAVID DA SILVA LIDERANÇA DO MTST E MAST NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2012)

Figura 3 - Termo VDR e MTST



MTST-MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA
LUTA PELA REPARAÇÃO DO PASSIVO SOCIAL DA CESP
 REASSENTADOS, FILHOS DE REASSENTADOS, SUCESSORES, RIBEIRINHOS E OUTROS
VILA DO PESCADOR

NÚMERO DA FOLHA

NOME COMPLETO _____ DATA DE NASCIMENTO _____

HI _____

CPF _____

ESTADO CIVIL _____

NÚMERO DE FILHOS _____

CLASSIFICAÇÃO
 REASSENTADO FILHO DE REASSENTADO SUCESSOR RIBEIRINHO OUTROS

NÚMERO DA QUADRA _____


NÚMERO DO LOTE _____

DATA DO COMPROMISSO _____

PRAZO PARA EXECUÇÃO DA PRIMEIRA INSTALAÇÃO _____

Me comprometo a colaborar com o movimento, acatar ordens, respeitar as regras, executar as tarefas a mim confiadas, bem como promover de forma pacífica a aplicação de nossos ideais. Entendo que o descumprimento em todo ou em parte deste compromisso tem como consequência a decretação de LOTE VAGO a parcela a mim confiada, desobrigando o movimento de restituição de qualquer espécie.

 ASSINATURA




MTST-MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA
LUTA PELA REPARAÇÃO DO PASSIVO SOCIAL DA CESP
 REASSENTADOS, FILHOS DE REASSENTADOS, SUCESSORES, RIBEIRINHOS E OUTROS
VILA DO PESCADOR

NÚMERO DA FOLHA

NÚMERO DA QUADRA _____ NÚMERO DO LOTE _____ DATA DO COMPROMISSO _____ PRAZO PARA EXECUÇÃO DA PRIMEIRA INSTALAÇÃO _____

GUARDE BEM ESTE CANHOTO, SOMENTE DE POSSE DELE VOCÊ BEM COMO QUEM O ACOMPANHAR PODERÁ ACESSAR O INTERIOR DA VILA, ENQUANTO ESTIVEMOS NUMA SITUAÇÃO CONTENCIOSA. VERIFIQUE DIARIAMENTE OS AVISOS DE REUNIÃO DE COORDENAÇÃO E ASSEMBLÉIA NO ESCRITÓRIO DO MOVIMENTO E NUNCA FALTE ÀS ASSEMBLÉIAS


Milton David da Silva
 Presidente Nacional
 RG 13.041.429-1 - SSP-SP

Considerações finais

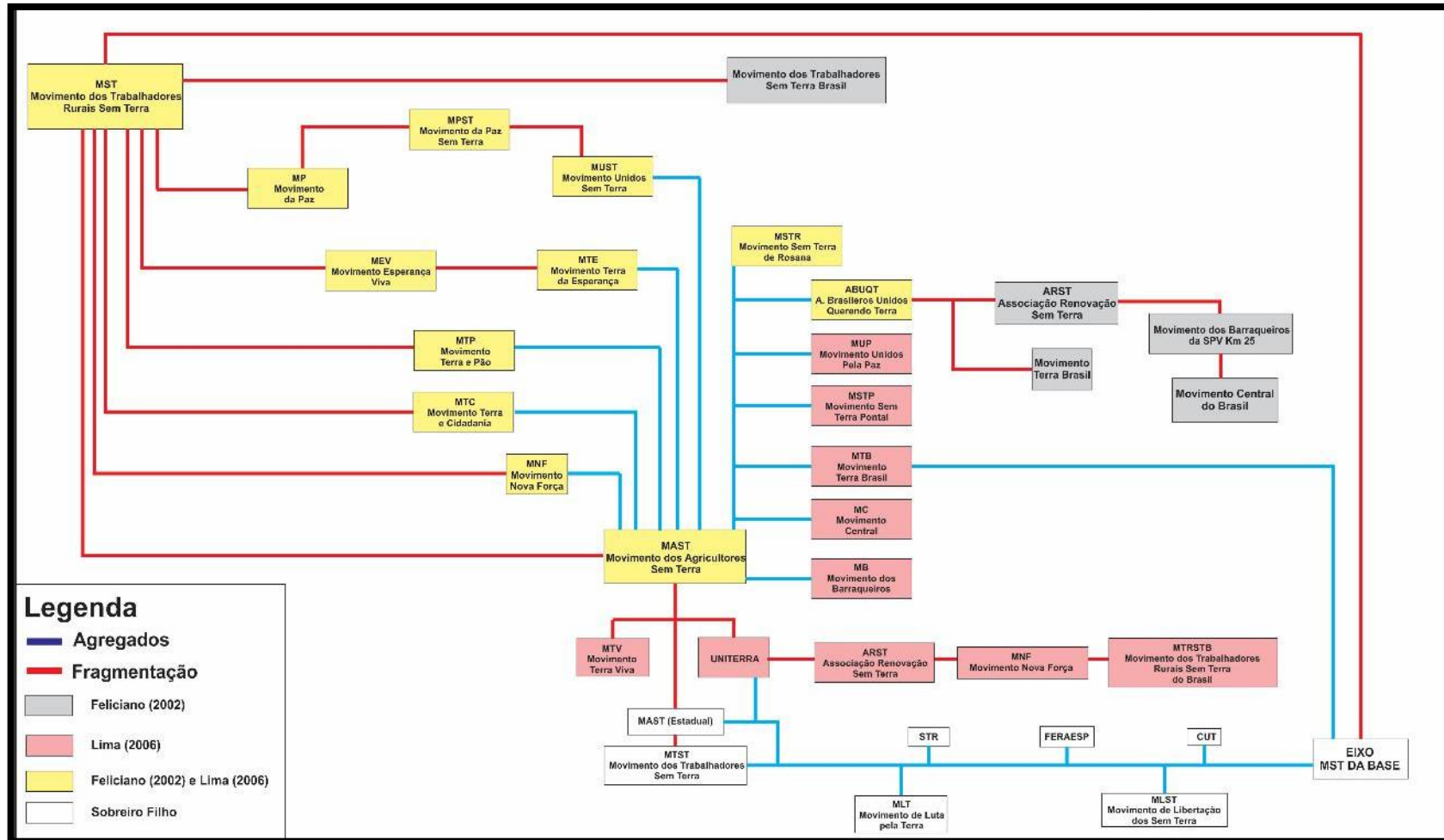
O que se observa na luta pela terra é que nesse processo os dissidentes no Pontal do Paranapanema nada mais têm feito do que enveredar sentido à integração ao capital como, por exemplo, ocorreu com o MAST e na atualidade o MST da Base vem apresentando sinais do mesmo¹⁷. Contudo, destacamos que é fundamental colocar a

¹⁷Vale destacar que se o MST da Base carrega a ideia de não estar isolado, conforme afirma e debateremos mais a frente, deveria também se atentar aos seus companheiros de “luta” e se seria realmente uma luta ou um caminho para a alienação onde o capital continuará asseverando o camponês e os movimentos socioterritoriais. No entanto, para darmos conta desta discussão necessitaríamos de uma abordagem mais ampla e deveríamos ter como substrato uma discussão sobre a consciência, mas não nos ateremos aqui para não fugir dos objetivos e também da brevidade da pesquisa. Contudo, esta também é uma questão de extrema pertinência e que nos revela importantes elementos para confluirmos que a alienação ou o (leia-se também “um novo”) processo, tanto no sentido da negação/falseamento de Marx & Engels(2006) quanto na de “visão de mundo” em Mannhein (1972), Konder (2002), Chauí (1982) e Löwy (2010), pode ter suas origens nos próprios movimentos socioterritoriais ou serem alteradas pelos mesmos. Apesar deste amplo debate, nos ateremos aqui à discorrer sobre o processo de dissensão nos e dos movimentos socioterritoriais evidenciando-o como parte importante para entendermos a dinâmica da luta pela terra e a sua diversidade político-ideológica. Este processo que para nós ainda é um questionamento é, também, acima de tudo, resultado de diferentes projetos políticos muitas

“dissensão” em questão para poder então compreender tanto seus motivos quanto também seus desdobramentos socioterritoriais. Ao remontarmos as dissensões identificaremos a história dos movimentos, as articulações políticas, as revira-voltas, etc., que acontecem na luta pela terra (figura 4). Deste modo, mais que responder questões, tentamos com este trabalho levantar mais questões para pensarmos. Assim, apresentamos alguns pontos e questões preliminares que nos permite não somente alcançar algumas respostas, mas também um leque ainda maior de questões a pensar. Tais questões destacam reflexões e processos que foram ficando mais claros com o transcorrer dos anos:

- A diversidade de movimentos é fundamental e muito contribui para o enriquecimento do debate e da luta pela terra. No entanto, a perda de uma unidade constante pode enfraquecê-los e comprometer uma luta mais ampla assim também como a identidade e consciência de classe;
- Criaram-se dois lados político-ideológicos bem demarcados. Enquanto alguns movimentos desenhavam uma perspectiva de um projeto emancipatório, outros apontavam, com caráter passivo e pacífico, para uma aliança que rumara para integração ao mercado e que trabalhavam a reboque do Estado sem perspectiva alguma de autonomia;
- Com a intensificação da dissensão, o campesinato, como sujeito político, foi perdendo aos poucos a referência do potencial combativo historicamente construído. Assim, o discurso, a proposta, a imagem e identidade enfrentativa/combativa/revolucionária de alguns movimentos socioterritoriais foi se definindo com o avançar do processo de dissensão;
- Produziu-se um conflito intraclasse que conseguiu em determinado período mudar o foco da luta pondo os movimentos para se digladiarem. Tal fato acarretara em uma contribuição da perda da expressão de uma luta mais ampla e também, em devidas proporções, transferiu uma parte do foco dado à luta de classes para uma oposição intraclasse;
- Acarretou em uma diminuição da importância de um projeto político, visto que muitos acampados se somaram às lutas sem apego ou conhecimento sobre o projeto do movimento. Fato, que sobre determinado ângulo refletiria em uma alienação ou falta de consciência de classe.
- A expressão da dissensão ocorrida no passado é atualmente uma perda significativa da capacidade de mobilização e organização social dos movimentos não somente em quantidade de ações, mas também na redução de uma massa de família;
- Ainda há mecanismos, conjuntura, estratégias e objetivos em comum entre os movimentos. No entanto, as divergências político-ideológicas são maiores que as convergências;
- As dissensões, conseqüentemente, seriam um processo regressivo na luta pela terra e para o campesinato como classe e sujeito histórico? Para quem mais serviram as dissensões? Quais os beneficiados? Beneficiado como/para quê? Como a dissensão contribuiu? etc." O limite ou o futuro é deixar de existir, tal como ocorreu com o MAST?

Figura 4 – Pontal do Paranapanema - Dissensões, Agregados e rearticulações de movimentos



Referências

ARENDR, H. **O que é Política?:** Fragmentos das Obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 238 p.

ARISTÓTELES. **Categorias.** 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda. 2010. 163 p.

BALANDIER, G. **Antropologia Política.** 1ª edição. Barcelona: Ediciones Península, 1976. 225 p.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia.** 8ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense. 1982. 125 p.

CAMPOS, J, F, S. **Leituras dos Territórios Paradigmáticos da geografia Agrária:** Análise dos Grupos de Pesquisa do Estado de São Paulo. 388 f. Tese (curso de Geografia) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Presidente Prudente. 2012.

FELICIANO, Carlos Alberto. **A Geografia dos Assentamentos Rurais no Brasil: O MST e MAST no Pontal do Paranapanema/SP.** 131 f. Monografia (curso de Geografia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 1999.

_____, C. A. **Movimento Camponês Rebelde:** a reforma agrária no Brasil. 1ª edição São Paulo: Contexto, 2006. 205 p.

FERNANDES, B. M. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro:** Formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST 1979-1999. 1999. 326 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Espacialização e territorialização da luta pela terra:** A formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo. 1994. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. **Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial.** In: Luta pela Terra: Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil. Antônio Márcio Buainain (Editor). Editora Unicamp. Campinas, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 1ª edição. São Paulo: Graal, 2012. 431 p.

GALBRAITH, J. K. **Anatomia do Poder.** 1ª edição. São Paulo: Pioneira, 1984, 205 p.

GIDDENS, A. **A terceira via.** 1ª edição. Brasília: Instituto Teótonio Vilela, 1999. 173 p.

KONDER, L. **A Questão da ideologia.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2002. 279 p.

LEITE, J. F. **A Alta Sorocabana e o Espaço Polarizado de Presidente Prudente.** 1ª edição. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1972. 249 p.

_____. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema.** 1ª edição. São Paulo: Hucitec,

LIMA, E. C. **Os Movimentos Sociais de Luta Pela Terra e Pela Reforma Agrária no Pontal do Paranapanema (SP):** Dissidências e Dinâmica Territorial. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista/UNESP – *Campus* de Presidente Prudente, Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – *Campus* de Presidente Prudente, Presidente Prudente, Março de 2006.

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social**: Elementos para uma análise Marxista. 19ª edição. São Paulo: Cortez Editora. 2010. 127 p.

MANNHEIN, K. **Ideologia e Utopia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1972. 330 p.

MARTIN, J. Y. A geograficidade dos movimentos socioespaciais. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, 2. 19, p. 26-40, nov. de 1997

MARTINS, J. S. **Reforma Agrária**: O impossível Diálogo. 1ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 173 p.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: Feuerbach** - A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista. 1ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda. 2006. 145 p.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. 191 p.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. 1102 p.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. 1ª edição. São Paulo: Editora Hucitec e Editora Polis, 1984. 392 p.

SOBREIRO FILHO, J. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento em pedaços**: Da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão dos movimentos socioterritoriais camponeses. 546 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2013.

_____. **Os MST's do Pontal do Paranapanema: dissensão na formação dos movimentos camponeses**. 2011. Relatório de pesquisa – FAPESP. http://www4.fct.unesp.br/nera/projetos/relatorio_nino2.pdf

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

TURATTI, M. C. M. **Os filhos da lona preta**. 1ª edição. São Paulo: Alameda, 2005. 118 p.

Recebido para publicação em 10 de junho de 2014

Devolvido para revisão em 03 de abril de 2015

Aceito para publicação em 25 de maio de 2015